

RELATO DE EXPERIÊNCIA - RESUMO EXPANDIDO

ENTRE IMAGENS E ESQUECIMENTOS: O CINEMA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROJETO CINE ESPECTROS

1. Marcos Vinícius Pinto Paiva; 2. Thaissa Martins Lima; 3. Ana Marília Carneiro; 4. Íris Moraes Araújo

Curso de História, UVA, Sobral, CE.

Email: marcosviny0503@gmail.com.

O Cine Espectros é um projeto de extensão da UVA que articula cinema e memória para promover o ensino de História e de Humanidades. Composto pelas professoras Ana Marília Menezes Carneiro e Íris Moraes Araújo, em conjunto com os graduandos Marcos Vinícius, bolsista PBP, e a voluntária Thaissa Martins, o Cine conta com a participação de professores convidados que desejam abordar alguma temática por meio de uma produção fílmica, sempre em diálogo com uma referência bibliográfica. Nessa proposta, o filme não é usado como ilustração, mas como uma narrativa sobre espectros do passado, revelando memórias de traumas, conflitos e resistências que atravessam o presente. Isso possibilita que se investigue não só datas, personagens, fatos, mas também as formas que constroem certas perspectivas em detrimento de outras. Esse olhar crítico dialoga com a pedagogia proposta por Dermeval Saviani, que defende uma educação voltada à análise do ideológico, à valorização dos saberes populares e à “elevação” da consciência histórica (SAVIANI, 1987). O método combina três eixos: exibição, leitura teórica e debate, que abrem múltiplos caminhos para a reflexão. Nesse sentido, o impacto do Cine Espectros pode ser observado em três dimensões, dentre as quais estão: a formação intelectual dos participantes, ampliando repertórios visuais, teóricos e éticos; a subjetividade histórica, pois os espectadores começam a perceber a si mesmos como parte de uma História compartilhada, não apenas espectadores externos; e a esfera pública, ao possibilitar que memórias de algum modo marginalizadas sejam trazidas ao centro do debate. O ciclo de atividades do Cine Espectros em 2025 iniciou-se em 5 de maio, com a exibição do documentário *Maiores Absolutos*, de Leon Hirszman (1964, 18 min). A sessão foi conduzida pela professora Íris Moraes Araújo, que promoveu uma análise sobre as relações entre casa e trabalho nas *plantations* tradicionais. O debate destacou como essas formas de exploração econômica expressam estruturas de poder, dominação e silenciamento, que repercutem na sociedade brasileira. Na segunda sessão foi exibido, o documentário *Milagre em Juazeiro*, de Wolney Oliveira (1999, 83 min), seguido de debate promovido pelo professor Naudiney de Castro. A discussão abordou Juazeiro como território de disputa simbólica, resistência popular e construção do sagrado, evidenciando sua centralidade na história nordestina. A programação seguiu em junho, com o filme *Doutor Gama*, de Jefferson De (2021, 92 min), apresentado pela professora Marcelle Carvalho. O encontro proporcionou uma reflexão sobre as estratégias políticas da luta abolicionista, ressaltando a atuação de Luiz Gama em meio às tensões e disputas pelo poder no Brasil do século XIX. Em julho, foi exibido *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*, de Gustavo Taretto (2011, 95 min), tendo como convidado Esdras Oliveira. A sessão discutiu a arquitetura das cidades e as desconexões que emergem nas metrópoles contemporâneas, refletindo sobre como os espaços afetam os vínculos afetivos. Estreando a programação do segundo semestre de 2025, o filme *A Imagem que Falta*, de Rithy Panh (2013, 92 min), foi apresentado pelo professor Cassiano Celestino. O debate centrou-se na possibilidade de representação da

violência, especialmente promovidas pelo regime do Khmer Vermelho no Camboja. Por fim, em outubro, ocorreu uma edição especial no Cine Falb Rangel, na Casa da Cultura de Sobral (CE), com a participação dos professores Fátima Pinho (URCA) e Naudiney de Castro (UECE). Foram exibidos os curtas *Horto do Padim Ciço* (2023, 22 min.) e *O Restauo do Bode loiô* (2024, 18 min.), realizados pelos próprios professores, seguidos de um rico debate sobre memória local e patrimônio imaterial no Ceará. A programação prevê a realização de mais cinco sessões, em que serão apresentados o documentário *Vou contar para os meus filhos* (2011, 24min), com a professora Athaisy Colaço, um episódio da série *Black Mirror – 7X05: Eulogy* (2025, 46min), com participação do professor Antônio Zilmar Silva, o documentário *Napêpê*, de Nadja Marin (2004, 40min), com a professora Íris Morais Araújo, o documentário *Rio, 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos (1955, 100 min), com a professora Ana Marília Menezes Carneiro, concluindo, por fim, com o documentário *AmarElo: é tudo pra ontem*, de Emicida (2020, 89min), apresentado pelos graduandos participantes do projeto, com objetivo de discutir memória afro-diaspórica e representação cultural, fomentada pelas ideias de Stuart Hall. O Cine Espectros cumpre o objetivo de pensar, questionar e problematizar, abrindo espaço para análise da produção de sentidos do passado e sua resignificação. Desta forma, o projeto se consolida como um espaço de aprendizagem sensível e crítica, em que o cinema é uma linguagem capaz de iluminar o passado e as contradições do presente, além de permitir que os participantes o reconheçam como capaz de expressar memórias, identidades e resistências. Nesse sentido, o projeto aproxima-se da concepção freireana de “educação como prática libertadora”, em que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção. Ademais, ao articular arte e reflexão crítica, torna o ato de assistir a um filme um gesto de aprendizado. O projeto desempenha um papel essencial de mediação entre o conhecimento acadêmico e o público mais amplo, reforçando o caráter humanista da proposta, ao reconhecer o valor da experiência coletiva na construção do conhecimento. Paul Ricoeur lembra que compreender a história é sempre um exercício ético diante do outro, um diálogo entre lembrança e esquecimento. Nessa perspectiva, convidamos o espectador a agir como agente ativo da memória, questionando versões oficiais, escutando vozes silenciadas e percebendo as múltiplas temporalidades que se cruzam na história. Além disso, contribui para o fortalecimento de uma consciência histórica plural, comprometida com a justiça e com o reconhecimento das várias diversidades, ao trazer para o debate filmes que abordam temas sensíveis como a escravidão, as ditaduras, as desigualdades sociais e as lutas dos povos subalternizados. A proposta dialoga com o pensamento de Walter Benjamin, o qual afirma que a tarefa do historiador é escovar a história a “contrapelo”, revelando as fissuras e os vestígios de vidas apagadas pela narrativa dos vencedores. O Cine se configura como um laboratório de sensibilidade histórica, onde a arte fílmica se torna uma ferramenta de emancipação. O Cine Espectros é, portanto, esse espaço fértil de experimentação pedagógica e de diálogo entre cinema, memória e História. Pessoalmente, participar do projeto nos levou a reconhecer o quanto a História se faz também nos gestos cotidianos de memória, nos debates que provocam incômodos e nas imagens que insistem em permanecer como espectros do passado. A partir dele, apreendemos que ensinar e aprender História é, antes de tudo, um exercício coletivo de compromisso ético. Assim, o projeto não se encerra em suas sessões, mas permanece como experiência transformadora que segue reverberando nas práticas docentes, nas pesquisas acadêmicas e nas formas de olhar o mundo. Segue a bibliografia utilizada para fundamentar as discussões apresentadas: HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016. RICOEUR, Paul. *Memória, História, Esquecimento*. Tradução de



Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEX



Maria Luísa Sobral. São Paulo: É Realizações, 2004. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. São Paulo: Autores Associados, 1987.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Ensino